

LOQUEDAUN. A cidade em tempos de corona vírus

LOCKDOWN. The city in times of corona virus

Fernando Freitas Fuão*

Resumo

Esse ensaio traz à atualidade da pandemia do Corona Vírus o artigo Cidades Fantasma, escrito em 2001, como uma crítica da fotografia de arquitetura. Constituíam-se numa visão premonitória do abandono da cidade tradicional metaforizada nas fotografias de arquitetura, e da ausência humana nas revistas e livros de história da arquitetura, por um novo modelo de cidade. O ensaio apresenta ainda o modelo de cidade antipestilenta e do rendimento como novas formas de disciplinaridade e controle das cidades no século XVIII ao XXI.

Palavras-chave: Corona vírus; cidades fantasmas; cidade pestilenta; sociedade do rendimento; domesticação.

Abstract

This essay brings to the top of the Corona Virus pandemic the article Ghost Towns, written in 2001, as a criticism of architectural photography. It constituted a premonitory vision of the abandonment of the traditional city metaphorized in architectural photographs, and of the human absence in architectural history magazines and books, for a new city model. The essay also presents the model of anti-pestilent city and income as new forms of disciplinarity and control of cities from the 18th to the 21st century.

Keywords: Coronavirus; ghost towns; pestilent city; burnout society; domestication.

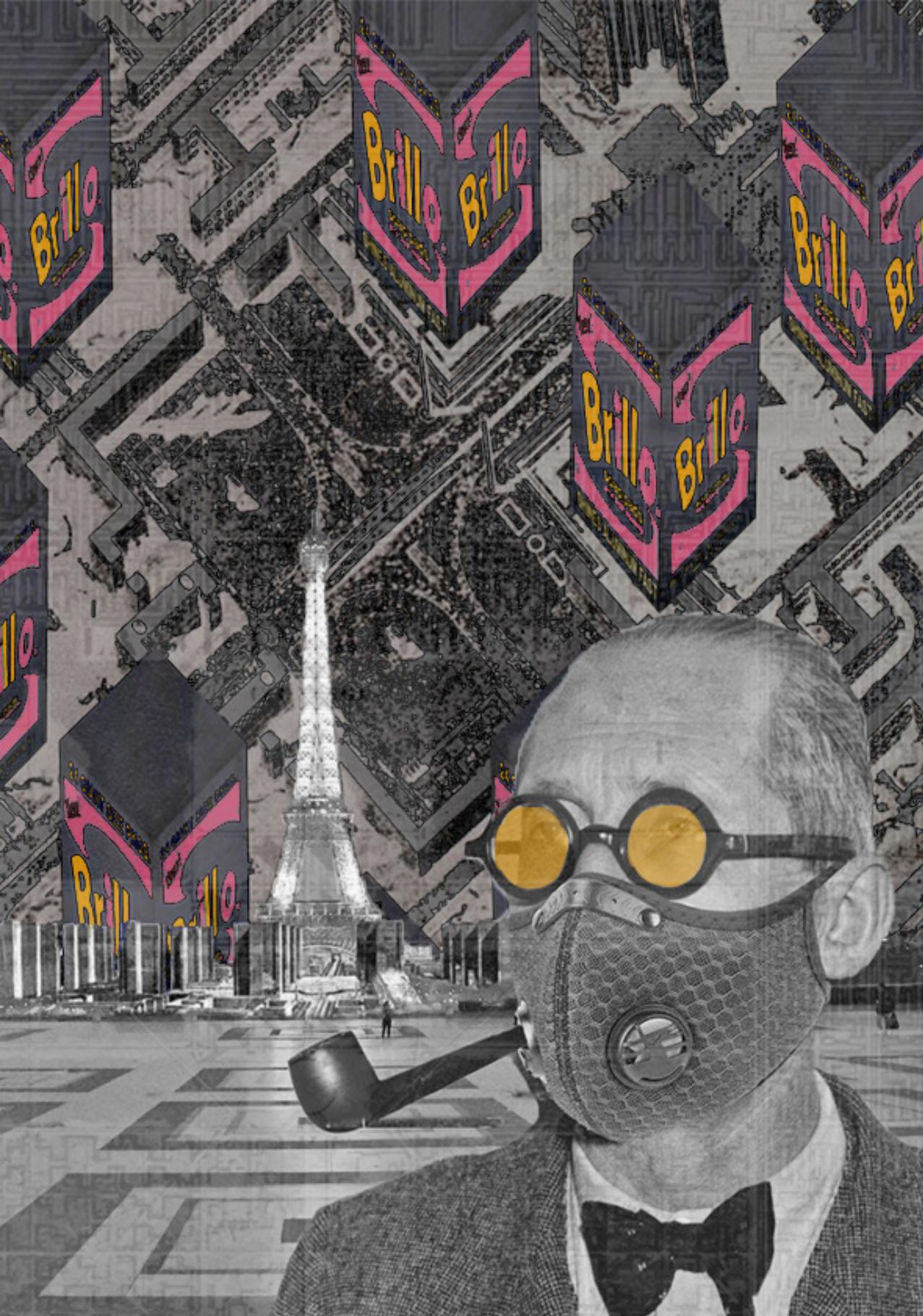




Figura 01: Cidade espectral. Collage. Fernando Fuão. 2020

1. Cidades fantasmas

Este ensaio é um desdobramento do artigo Cidades Fantasmas (FUÃO, 2001), que se constituía basicamente numa crítica à fotografia de arquitetura, tomando por referência a exposição fotográfica intitulada Phantom City, cujo texto de apresentação foi escrito por Vilém Flusser com o mesmo título da exposição. A exposição percorreu algumas cidades da Europa nos anos de 1985 e 1986 mostrando fotografias de vários fotógrafos de arquitetura, cujo tema era a cidade sem pessoas. O artigo Cidades Fantasmas constituía-se numa visão premonitória da fotografia de arquitetura como imagem técnica, e da exclusão do homem das atividades públicas da cidade. E revelava que não só as fotografias da referida exposição eram marcadas pela ausência da figura humana, mas que essa ausência também se apresentava em praticamente todas as imagens contidas em revistas e livros de história da arquitetura. Entretanto, nunca poderia imaginar que o conteúdo do artigo que falava numa cidade ficcional, sem pessoas, espectral poderia ser hoje o modelo e representação da cidade em plena pandemia provocada pelo Corona Vírus. Recorrer-se-á a várias passagens do artigo Cidades fantasmas para evidenciar que o Corona Vírus veio comprovar, mais uma vez, a realização da cidade moderna como fruto de um modelo de cidade antipestilento; e o que entendemos por modernidade se caracterizou exatamente por uma política espacial baseada no distanciamento, disciplinaridade e controle dos corpos de seus cidadãos.

Nas revistas de arquitetura a ausência humana foi e ainda é uma constante para valorizar o objeto arquitetônico em detrimento do humano. Entretanto, essa ausência também pode ser vista de outras maneiras, como por exemplo: a construção de uma cidade imaginária fantasma, abandonada; ou outra mais sugestiva e não ficcional como antecipou Flusser, ao dizer que, ao ver essas fotografias, “se poderia também imaginar que as pessoas não abandonaram a cidade, mas continuam lá, só que dentro de suas casas, entretidas nas redes” (FLUSSER, 1985a, p.9). Infelizmente, aquelas imagens espectrais das revistas de arquitetura do século passado são hoje o retrato fiel das cidades em tempos de Corona Vírus, quando se decretou o ‘loquedau’.

As imagens da exposição, como se referia Flusser, renunciavam já nos anos 80 que não seria necessário sair de casa para fazer compras quando se pode fazer isso pela internet; também não

seria mais necessário ir ao banco se podemos ver o movimento, transferir ou depositar através da Internet. Tampouco ir ao cinema, quando se pode ver o filme na TV em casa; também não será necessário ir às urnas nas eleições, quando se pode fazer teclando um celular. Agora, com o Corona Vírus essas situações se aceleraram, e nem mais é preciso ir à escola ou às Universidades, tudo, quase tudo, se pode fazer dentro de casa à distância; até consultas médicas já podem ser realizadas em casa. A revolução informática juntamente com a pandemia estão convertendo a cidade de alguns anos atrás em uma coisa obsoleta em quase todos os aspectos da sua função comunicativa. A cidade tradicional está desaparecendo, muitas de suas funções estão se tornando espectrais cada dia mais. Flusser, em seu artigo *Ciutat espectre (Phantom city)* e no livro *Filosofia da Caixa Preta*, já prenunciava o aspecto totalitário que as imagens técnicas podem adquirir ao estarem sujeitas aos programadores. Sobre esse aspecto Flusser observou, “que acontecerá não serão casas particulares distribuídas por todo lugar, com cabos e satélites que conectam cada casa particular com todas as outras. O que verão não será o povo tomando as cidades. O que acontecerá na realidade será um sistema de cabos irradiantes numa ponta, onde há poucos emissores, e em outra ponta uma massa enorme de receptores solitários e isolados”. (FLUSSER, 1985a, p. 9)

Pode-se dizer que as imagens que mostravam as ruas desertas e que estiveram nas telas dos celulares e nos telejornais nos últimos meses já expressavam a visão de um futuro espectral de duas cidades: uma virtual, com intensa atividade e outra real, onde pouco circulamos, ou pouco existimos. Melhor interpretá-las, juntamente com Flusser, não como representações fiéis da realidade, mas como um índice de um projeto, de uma futura construção a ser criada, uma metáfora do abandono do modelo da cidade moderna afetada pelo impacto da informática, e pela estética do desaparecimento (VIRILIO, 1988). O que os operadores do mundo virtual, espectral visam, entre outras coisas, além do desaparecimento de algumas atividades do mundo físico, é o confinamento de nossos corpos em nossas próprias casas, o maior tempo possível, para que possamos utilizar os sistemas de comunicação internet literalmente como servidores. Um dos seus objetivos é justamente manter, conter as pessoas em casa, o máximo possível olhando o mundo através dessas falsas janelas que trazem cada vez mais o trabalho, o consumo e o lazer; e também a auto exploração dessas vidas dentro dos próprios lares; num ato de auto rendimento.

Figura 02: Corona Vírus em Paris.
Collage. Rufino Becker e Fernando Fuão. 2020



Não é à toa que a proliferação da violência interessa a todas as grandes corporações de comunicação e informatização, assim como aos grandes conglomerados de bancos e administradoras de crédito; e conseqüentemente a toda indústria da violência. Quanto mais perigosas e feias tornarem-se as ruas, mais seremos forçados a ficar em casa, consumindo energia e pagando pelo uso das linhas para nos comunicarmos uns com os outros. O que vemos, e estamos vendo, é por um lado uma multidão retida em casa, e por outro lado um exército de motoboys e entregadores de todo tipo produto, correndo de um lado para outro da cidade, e de uma cidade para outra. Para o Império da comunicação, as ruas, avenidas e estradas continuam ainda sendo estruturas de comunicação. Cabos e fios desempenham a mesma função das ruas: circular, transportar informações. Toda a antiga rede de comunicação agora tem seu análogo na arquitetura de cabos, conexões, terminais e malhas, criando novas pontes, estradas, e até lugares de encontro. Basta ver a terminologia: infovias, navegar, site, portais, windows, etc. Foi exatamente esse ponto de transformação das cidades, a crise da substituição de um

modelo de cidade por outro, que Flusser antecipou, com grande lucidez e ironia, lembrando que

A cidade (em grego, polis; em latim, res publica) se compõe de casas particulares (em grego, oikos; em latim, res private), e de um mercado aberto (ágora, fórum). Se considerarmos as conotações dos termos que acabam de ser citados, observaremos que falam da essência mesma da existência humana. Pois a cidade é uma materialização da estrutura dinâmica da vida civilizada. O mercado não é unicamente aberto às pessoas que saem de casa para fazer negócios. Não é unicamente aberto às pessoas que vão exhibir o que fazem na intimidade, ou para levar para casa o que os outros exibiram. Ele é aberto às pessoas vagarosas, às pessoas que não têm nada a fazer, às pessoas livres (em grego, schole; em latim, ótium). Essa gente ociosa abandona sua casa para encontrar outras pessoas ociosas e intercambiar ideias, abraçar amigos, fazer novas amizades, e até mesmo brigar. Esse intercâmbio de ideias vigorosas dos amigos é o que os gregos chamavam de 'Filosofia'. (FLUSSER, 1985a, p.9).

O espaço urbano é quase que totalmente irrelevante para o telefone, celular, rádio, televisão e Internet, aquilo que os urbanistas chamam de escala humana, de centralidade-periferia, ao discutir os espaços urbanos não tem a mínima importância para as formas elétrico-eletrônicas. O mundo está subitamente experimentando um novo tipo de reunião instantânea de todas as suas partes dispersas num todo orgânico virtual totalizador, catalizador. Está se recolando num outro espaço imaginário: a cidade fantasma, espectral de um futuro planejado. Não só o conceito de espaço foi deslocado, mas a temporalidade humana sobre tudo foi drasticamente afetada; as extensões simplesmente contornaram o espaço e o tempo, criando problemas e também soluções sem precedentes na organização espacial humana.

A fragmentação da cidade em dezenas de subúrbios, assim como a criação de cidades satélites e jardins, deve-se muito mais as questões das comunicações, ao aparecimento do automóvel, aos transportes de massa, às posições higienistas e de imunidade, do que propriamente às proposições formalistas e funcionais propostas pela Carta de Atenas:

Figura 03: Cidade radiosa. Collage. Rufino Becker. 2015

trabalhar, circular, habitar, recrear, preconizados por Le Corbusier. A influência da medicina e da comunicação é muito maior do que foi ensinado aos arquitetos: tanto a história da arquitetura como da cidade, de um modo geral, foram construídas quase sobre si próprias, e acabaram por menosprezar e refutar esses fatores incidentes sobre a transformação das cidades ao longo da história.



2. Cidades do rendimento

A complexidade da vida cresceu, as formas de opressão e servidão também, e estão cada vez mais explícitas agora com a pandemia; a questão biopolítica dos corpos pelo Estado anunciado por Foucault (1979) na História da Sexualidade, a vontade de Saber; se acentua cada dia mais, produzindo corpos dóceis aptos para a servidão ao Estado. Essa servidão voluntária do trabalho antanho, descrita pelo filósofo Étienne de la Bouté em seu Tratado da servidão Voluntária (1549), agora é atravessada pelos meios de comunicação e os benefícios que a internet propõe; através de aplicações de uber, e ifoods da vida. Para Mbembe (2010), a noção de biopoder agora é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte. O excesso de contingente humano – os pobres e miseráveis – agora são descaradamente direcionados ao sacrifício, às necropolíticas. A proliferação das armas de fogo não só aumenta a riqueza desses grupos do poder, mas tem o objetivo a destruição máxima de pessoas inservíveis, e criar mundos de morte.

Para Byung-Chul Han, em seu livro a Sociedade do Cansaço, os dispositivos disciplinares apresentados por Foucault como as prisões, hospitais e sanatórios, também já não correspondem à sociedade de hoje. O tema de obediência foi substituído pelo tema de rendimento. O novo sujeito domesticado está livre de um domínio externo que o obrigue a trabalhar, agora está submetido somente a si mesmo, ele mesmo se auto domestica para produzir para si ou para o patrão, assumindo a livre obrigação de maximizar seu rendimento, até chegar sua total rendição. Como apontou Han,

quanto mais domínio tecnológico ele tem sobre o aparelho mais rápido e eficiente é o trabalho constituído pela 'teclagem'. A nova forma de espoliação do trabalho se agudiza e se converte em auto exploração, acarretando sequelas como ansiedade, stress, fadiga mental e física. (HAN, 2015, p.43).

Estamos, desde já, plugados, atados a esses fios como homens terminais, navegando em uma longa e densa rede, difícil de ser mapeada e compreendida, a não ser quiçá pelas próprias máquinas e quem as comanda. Não será de estranhar que da máxima da 'casa como máquina de morar' passe para o pesadelo da 'cidade como máquina de viver'. O ser humano

em seu conjunto está se convertendo numa máquina de rendimento, e uma das consequências do cansaço da sociedade do rendimento é curiosamente o mesmo causado pela peste: o cansaço da solidão, que isola e divide. Para abrandar essas sequelas também se está criando uma sociedade de dopagem legalizada pela indústria farmacêutica, para que o trabalhador continue rendendo um pouco mais, mesmo na exaustão.

Quem está submetido, domesticado constantemente acaba incorporando – como coisa natural, por sua própria conta – os limites que o poder lhe impõe: ele não vê mais nada, apenas obedece. Ele não ultrapassa as placas de sinalizações, segue todas as flechas e indicações de rumos, obedece aos comandos, não desvia, não se recusa e denuncia quem infringe as regras. Ele se torna o principio de sua própria sujeição sempre em defesa de quem o explora. O ato de estar sentado o maior tempo possível é uma das posições domesticadoras por excelência. A fixação do corpo na cadeira também constituiria outra história da disciplinaridade dos corpos, a estranha história oculta da cadeira. A história desse mobiliário mostra que serviu não somente para ensinar a escrever, enviar as cartas e recebê-las, mas também foi um dispositivo para domesticar, civilizar os corpos. (FUÃO, 2020).

Como propôs Foucault, o modelo panóptico – muito antes do modelo zoológico de Bentham – teve suas raízes na cidade pestilenta, em Londres em 1665, com as medidas que foram tomadas dentro da cidade para o confinamento da população quando 'a peste' foi declarada, e se realizou o esquadrinhamento e isolamento dos corpos e indivíduos. Não é de estranhar que esse modelo tenha desde então exercido uma influência dramática sobre o corpo da cidade do século XVIII ao XX e até os dias de hoje. Entretanto, não podemos deixar de associar esse modelo a um modelo de distanciamento já desde o século XV, quando da formação da perspectiva que colocou distanciamento entre o sujeito observador e os corpos a serem representados, e sobretudo dos objetos entre si para que se pudesse observar os corpos no esplendor da profundidade. Curiosamente são as mesmas condições para a representação do objeto na câmara obscura, na máquina fotográfica: 'distância' e 'luz'. Luminosidade essa que será sinônimo de higiene e expressão de verdade.

O modelo, o dispositivo panóptico acabou gerando um modelo espacial de cidade, e também um determinado tipo de arquitetura que se poderia designar como máquinas de

domesticação e vigilância: aplicada às escolas, hospitais, manicômios, entre outros usos. Foucault, ao mostrar que o panóptico tem suas origens no modelo de controle da cidade pestilenta, também evidenciou que esse dispositivo de controle acabou sendo implantado pelos médicos higienistas do século XIX com a participação dos arquitetos; e de forma mais acentuada, pelo modelo de distanciamento, controle e fragmentação do urbanismo moderno. A ação mais importante do panóptico apontado por Foucault sobre o detento, o aluno, o trabalhador, o funcionário, sobre as pessoas de um modo geral, é fazer com que ele pense constantemente que está sendo observado, vigiado, mesmo que essa ação seja descontinua. Viver dentro de um modelo panóptico de cidade ou dentro de um modelo de rendimento, significa similarmente que esse cotidiano organizado pelos dispositivos arquitetônicos deve exercer o mesmo efeito de entranhamento que uma medicação diária produz sobre um enfermo; até que em dado momento o enfermo tome consciência de sua importância e passe a aplicar-se a si mesmo. Ou seja, passe a vigiar, a controlar e ser a vítima de si mesmo, sem culpabilizar o sistema perverso e nem seus aplicadores e aplicativos que aniquilam sua existência. Foucault também apontou que a estrutura panóptica é quase uma máquina de autogoverno. Ela é governada pelos mesmos indivíduos docilizados, domesticados, os mais domesticados domesticam os menos domesticados, numa hierarquia sem fim de cima abaixo, dos mais obedientes, disciplinados e confiáveis até os menos obedientes, os indisciplinados, como se o grau mais elevado da humanidade habitasse exatamente na mais requintada domesticação, servidão.

A peste provoca reações e hábitos e disciplinadores necessários para a sobrevivência das pessoas, como brilhantemente descreveu Camus na passagem “a peste tinha enraizado um cepticismo profundo, de que não podiam desembaraçar-se. A esperança já não tinha efeito sobre eles, mesmo quando o tempo da peste tinha passado, eles continuavam a viver segundo as normas da peste.” (CAMUS, 2008, p. 294)

Daí a famosa interrogação de Foucault que encerra o capítulo do livro dedicado ao panoptismo onipresente na sociedade disciplinar, a qual poderíamos repassar hoje para outras instituições, e incluso para prédios comerciais, ainda que a forma arquitetônica deles dissimule o controle que se faz na entrada e no interior desses prédios mediante câmeras de vigilância, vigilantes, scanners, registros de identidade. Hoje tudo parece ser panóptico:

Já não devemos mais nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, que a fábrica se pareça com uma prisão, que as escolas, e orfanatos, asilos se pareçam com os quartéis, e que quartéis se pareçam com prisões, ainda que as formas de serem apresentarem sejam distintas, e que nos hospitais muitas vezes tenhamos a sensação de estar dentro de uma prisão e nos acomete a necessidade de ir para casa urgentemente, enfim que todos se pareçam com as prisões. (FOUCAULT, 1977, p. 199)

Seguimos vivendo no regime espacial urbano da cidade antipestilenta, agora incrementado sob o regime de uma sociedade de controle total, que tem grandes semelhanças com aquele ditado pela peste, sempre aguardando novas pestes para justificar e avançar nesse modelo de distanciamento e exclusão. Evidentemente, quanto maior a individualização, mais fácil é operar o controle sobre os corpos. Também é de se destacar que a peste e os fascismos caminham de mãos dadas, como apresentado em Sobre domesticação, a cidade pestilenta (FUÃO, 2019). Não foi por acaso que o livro A Peste, de Camus, publicado em 1947 foi escrito e interpretado também como uma crítica ao nazismo e, por extensão, a todos os regimes totalitários. O próprio Camus admitiu que a essência do livro era a resistência europeia ao nazismo, e também as ditaduras, como a decretação do estado de sítio e as medidas de exceção, exemplificado no livro através do personagem o jornalista Raymond Rambert, ao ser proibido de sair da cidade.

Alguns países, mais precisamente os que estão hoje sobre regimes de extrema direita durante a epidemia do Coronavírus tentam salvaguardar a economia ingenuamente. No caso do Brasil, prefere-se salvar a economia que as pessoas, entretanto não percebem que o modelo econômico existente irá se transformar mais uma vez, e já está se adaptando aos interesses da indústria das comunicações midiáticas; GAFAM é o acrônimo de gigantes da Web, Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft. O que está embrulhado nesse processo, e que muitos não conseguem ver, é que existe basicamente uma nova economia montada sobre o consumo de energia, informação que transita de um lado a outro do planeta, a compra e venda da invisibilidade da energia controlada pelas multinacionais e corporações de telecomunicações. Daí a importância da matéria-prima, por exemplo do lítio para as baterias produzidas por essas corporações, como no Salar de Uyuni, na Bolívia, uma

das maiores reservas, e um dos lugares mais lindos do planeta. Por trás delas, está a nova exploração das riquezas naturais da terra, o mais novo colonialismo dos poderosos sobre os países do terceiro e quarto mundo. Resta perguntar, a essas alturas, o que é mais pestilento: o Corona Vírus ou o fascismo que cresce dia a dia pelo mundo afora?

Poucos direitos nos restam a partir do momento em que submetemos nosso sistema nervoso e sensorial à manipulação particular daqueles que procuram lucrar arrendando nossos olhos, ouvidos, mentes; e ao transferir a conversação do mundo todo para uma empresa particular, ou rapinar os recursos vitais da água ou a atmosfera terrestre em benefícios de companhias privadas. A nova rede de comunicação absorve nossas vidas, atravessa o poder dos Estados, apodera-se de tudo, transformando as relações geopolíticas.

Em 1964, Mc Luhan mostrava em *Understanding Media: the extensions of man* que os meios detêm a mensagem, acabam sendo a própria mensagem; e que toda tecnologia gera gradualmente um ambiente humano totalmente novo, e esses ambientes não são envoltórios passivos, mas processos antigos e ativos. O tema constante de *Understanding Media* é que todas as tecnologias são extensões de nosso sistema físico e nervoso, relacionadas com a energia e a velocidade. Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou ampliação de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrio entre os demais órgãos e extensões do corpo. Contemplar, utilizar ou perceber essas extensões de nós mesmos sob uma forma tecnológica implica necessariamente em adotá-la, depender dela como se fosse uma prótese. E é isso que nos torna subservientes a esses aparelhos e a essa comunicação espectral.

Essa cidade espectral está impondo também um fim à economia tradicional, algo jamais imaginado por Marx. Com o desaparecimento de parte da cidade, Mc Luhan observara que desapareceria também o dinheiro, a espécie. Na medida em que o trabalho é substituído pelo puro movimento e circulação da informação, o dinheiro enquanto informação, enquanto depósito de trabalho, funde-se com as formas informacionais do cartão de crédito, e logo também com o desaparecimento definitivo do próprio cartão de crédito. O que se fala hoje sobre um regime de anormalidade durante a pandemia é, em boa parte, a normalidade almejada pelas gigantescas corporações das telecomunicações, dos bancos, os mesmos regimes

desejados, outrora, pelas autoridades que controlavam a peste. Evidentemente não podemos ser paranoicos a ponto de pensar que um sistema substituirá o outro de modo totalitário, de uma hora para outra, trata-se sim de um longo projeto que permeia o processo civilizatório, o da domesticação humana. Porém podemos acreditar que os dois sistemas, o tradicional e o informatizado, poderão coexistir simultaneamente, até porque, no presente momento, parece impossível suprimir totalmente a arquitetura da existência humana.

Não é necessário muito esforço para descobrir que a nova tecnologia disciplinar visa um minucioso controle da atividade, do “que você está fazendo agora?” ou “no que você está pensando?” Google, Twitter, WhatsApp, Facebook, Tik tok, e de toda família de aplicativos de controle. Todos poderiam ser traduzidos como: “sabemos onde você está agora”, “sabemos tudo o que você faz”. Também não precisa muito para entender que o controle que hoje se faz também do tempo, da administração do tempo dos humanos já não corresponde à vontade do próprio tempo do corpo. Como disse Foucault em “no corpo biopolítico, no corpo docilizado, o tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder” (FOUCAULT, 1979, p. 129). Esse novo tempo é também o tempo de um novo processo de domesticação em ação. Entretanto agora, no horizonte disciplinar determinado pela quarentena, se experimenta um novo regime, onde se cria a ilusão de cada um administrar seu próprio tempo de trabalho no elegante nome anglo-saxão: *home office*; onde cada um pode organizar livremente seu tempo de trabalho em sua casa, sua cela, seus celulares, ou até mesmo nos próprios espaços de trabalho, mas sempre supervisionáveis, monitoráveis pelos celulares de seus patrões. É o celular e a correspondente identificação que durante a pandemia têm garantido o rastreamento e controle dos infectados.

A nova tecnologia disciplinar de auto servidão continua promovendo o controle dos indivíduos no espaço, mas essa distribuição já não é uma fixação como no antigo espaço disciplinar da peste, ou do regime de exclusão imposto aos leprosos: a cada um, seu lugar correspondente. Ela é agora uma fixação móvel, um espaço deslocável, não enclausurada ou fixada. O indivíduo está atado, conectado mental e fisicamente ao novo aparelho panóptico como a uma tornazeleira eletrônica, sem saber. Sua nova cela (*cell*): seu celular e as redes virtuais. Cada indivíduo no seu lugar sem lugar; e cada célula substituída por um celular como símbolo máximo da liberdade. As antigas

regras de localizações funcionais estão agora libertas de uma fixação ou de um endereço imóvel, fixo, de um domus; vive-se uma domesticação já sem domus, sem Dom, sem patrão. Hoje em dia, pergunta-se o número do celular e ou e-mail antes mesmo de perguntar o endereço residencial.

Talvez o mais ardiloso dessas novas formas de panoptismo seja não conseguir percebê-las como arquitetura ou como um aparelho arquitetural, e tampouco como um dispositivo. Essas novas formas panópticas de obediência e não precisam mais de arquiteturas, da antiga torre central dentro do presídio, da escola, ou do mezanino da fábrica, apenas das novas torres de antenas de comunicação: basta olhar para cima dos prédios nas cidades, ou ao longo das estradas. A cada cidade, suas torres, e em breve o 5G disseminados pelas cidades. Não mais uma torre, mas milhares de pequenas caixas conectadas numa rede sem fim.

Deleuze, ao explicar a Sociedade do Controle, recorreu a M. Foucault para explicar a passagem das sociedades disciplinares para o que ele chamava de sociedade do controle. Deleuze explica que Foucault também estava ciente da brevidade desse modelo disciplinar, o controle sucederia às sociedades de soberania cujo objetivo e funções eram completamente diferentes: açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida. Ambos sabiam da brevidade da sociedade disciplinar, que se apresentava demasiada obsoleta, mas nunca imaginaram que uma nova peste viria consolidar essa previsão, e proporcionar essa transformação mais rapidamente.

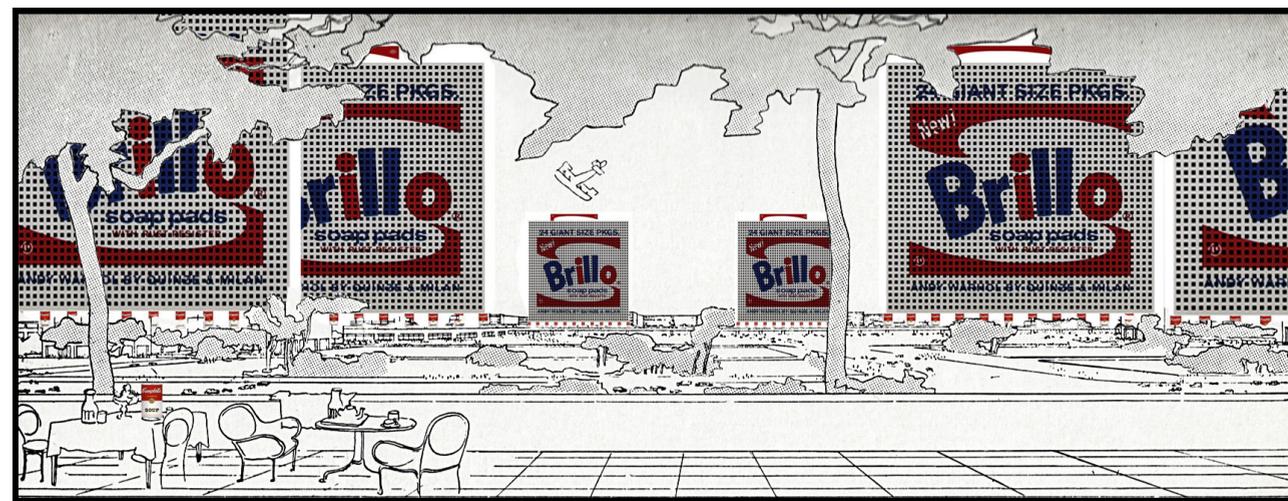
Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares. 'Controle' é o nome que W. Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. (DELEUZE, 1990, p.1)

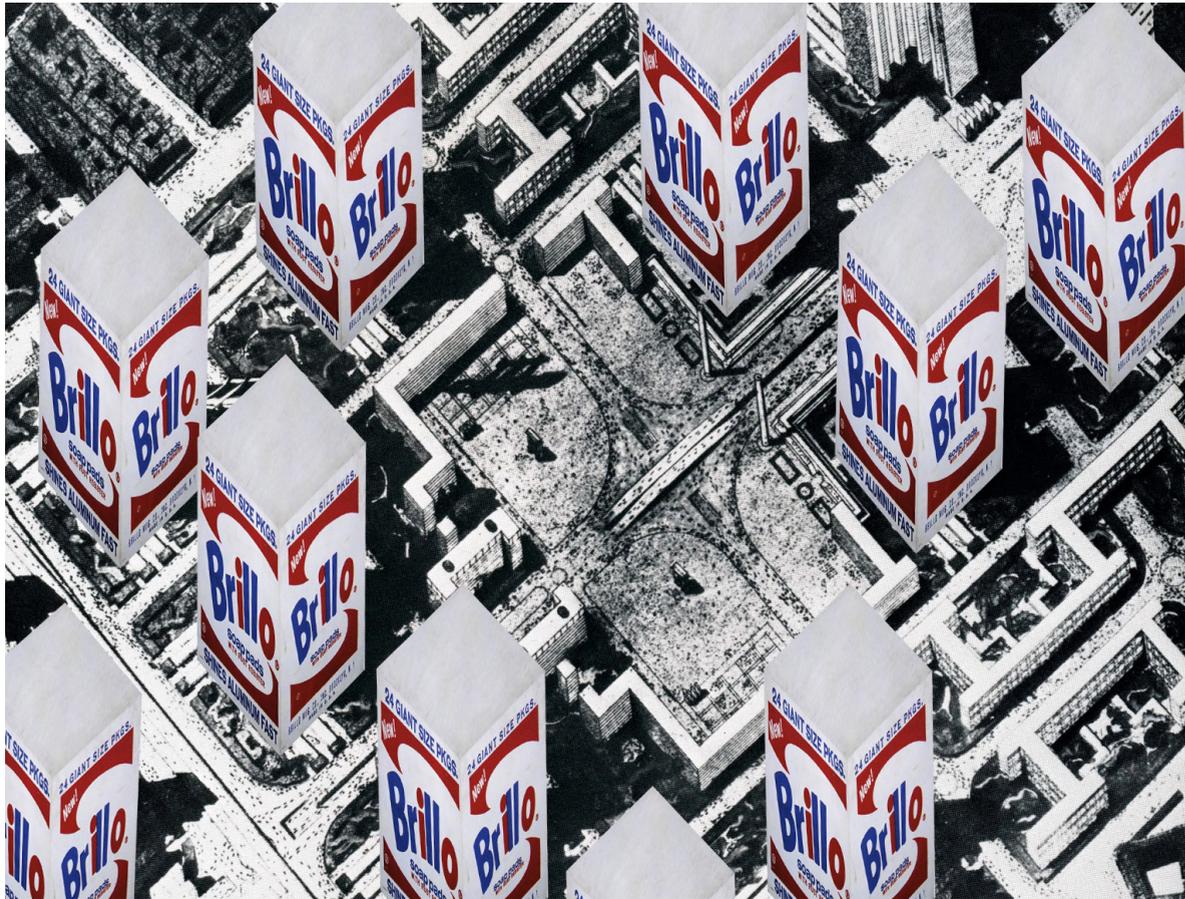
Figura 04: BRILLO 1.
Collage. Rufino Becker.
2015

3. Cidade pestilenta

Em A cidade pestilenta, sobre domesticação (FUÃO, 2019) observou-se que não apenas os juristas e governantes, mas também os arquitetos e higienistas do século XVIII ao XX projetaram a cidade inconscientemente ou conscientemente como se ela estivesse ainda sob um estado constante de peste, ou de uma ameaça de qualquer contágio, organizavam o espaço de uma maneira reticulada celular, disciplinar, militar. Tais formas e estruturas funcionais não foram inseparáveis do estudo das tipologias arquitetônicas do século XVIII e XIX, nas figuras da tratadística, das enciclopédias e dos tratados de Durand, Quatremère de Quincy. Se, por acaso houvesse uma nova peste todos os espaços já estariam hierarquizados, esquadrihados pronto para intervenção, isolamento e confinamento, assim como aconteceu hoje. Essa estrutura disciplinar higienista urbana teve seu paradigma no Plano Haussmann (Paris) com a demolição das estruturas medievais – que estimulavam a solidariedade e proximidade dos corpos – e a abertura de grandes avenidas e quadras regulares. A intervenção de Haussmann também tinha por objetivo combater a outra peste: a peste revolucionária do comunismo, mediante a erradicação desses focos de levantes e insurreições.

Posteriormente, o Movimento Moderno trataria de aplicar enfaticamente esse mesmo sistema de distanciamento, estruturando a cidade e os bairros em blocos e torres habitacionais independentes, e também afastando o trabalho da moradia, obrigando o deslocamento por veículos para promover a indústria automobilística e o fetiche do consumo dos automóveis. Consequentemente, dispersava mais as pessoas e evitava o contato de uma com as outras nos espaços público, nas calçadas. O urbanismo da cidade moderna é o modelo antipestilento de cidade por excelência.





Ainda como explicou Michel Foucault ao descrever os dois regimes disciplinares, da lepra e da peste, um é marcado, a outro analisado e repartido. Essas duas enfermidades levaram a sistemas políticos e modos de controle espaciais distintos, a lepra consistia na formação de comunidades para os contaminados num sistema de exclusão fora da cidade, o exílio-cerca: abandonava-se o leproso lá dentro inserido em uma massa sem importância e sem diferenciação. O regime da peste é o da sociedade disciplinar, das obrigatoriedades, dos deveres, da submissão, da domesticação; sempre controlando as ações e relações, sempre tentando desmanchar as perigosas misturas que podem ocorrer. Um regime não excluiu o outro, os dois modelos se reforçam mutuamente para uma melhor potencialização e ambos são regimes propícios ao encarceramento e cercamento.

Figura 05: BRILLO 2.
Collage. Rufino Becker.
2015

A maioria população das grandes cidades da América Latina vive dentro de um regime disciplinar similar ao da lepra, nas vilas e favelas da periferia, onde as casas e pessoas ainda estruturam suas vidas em proximidade de relações: na célebre mistura que para muitos ainda continua a ser um rastro das pestes de toda espécie. O Estado, na maioria das vezes, pouco se importa com o que acontece nesses campos, exceto quando explode a violência. A estratégia de confinamento e afastamento de um dos outros sempre foi um modo de segregar e diferenciar os ricos dos pobres. Os pobres e miseráveis são historicamente amontoados nas periferias por força do capital, enquanto os ricos se afastam e se isolam em suas mansões, torres ou em condomínios absolutamente herméticos às pestes em seu amplo sentido. Na verdade, para essas pessoas, os pobres, os diferentes, o estranho, os estrangeiros sempre carregaram o estigma de portadores de todos os males, e eles seguem sendo responsabilizados pela disseminação, enquanto as classes favorecidas sempre se julgam vítimas. Mas, curiosamente, contrariando o senso comum e a história dos opressores, sabe-se que a epidemia de Wuhan se tornou pandemia graças ao fraco controle dos aeroportos no mundo inteiro. Foram os turistas e viajantes do mundo inteiro que disseminaram o Corona-vírus, os primeiros bairros a serem atingidos foram os de classe alta e média alta, depois é que se seguiu a preocupação de atingir os mais pobres. Mas a mídia e os países do Ocidente tentam culpabilizar à miséria e falta de higiene dos mercados de Wuhan, quando na realidade já se sabe que o vírus circulava pelo mundo antes mesmo de Wuhan, reafirmando uma vez mais o estigma da diferença.

Talvez seja o momento de perguntar se também os conceitos modernos de pureza, claridade, iluminação, radiação, transparência e tantos outros não são oriundos também dessas regras disciplinares, que de tão naturalizadas no cotidiano já não se consegue mais serem percebidas, como largamente descritas no Desconjuo Moderno (FUÃO, 2019). Hora de rever a Carta de Atenas como parte do grande projeto de domesticação moderno, como esfacelamento e repartição da vida. Mas, por trás desse combate higienista estetizado da modernidade, com seus altos índices de iluminação natural proporcionado pelo distanciamento entre edificações, o mundo segue exalando um forte cheiro pestilento das estruturas de poder, que infecta todas as relações humanas dentro da cidade antipestilenta. Mesmo que as antigas enfermidades do séc. XIX e início do XX tenham sido extintas ou estejam administradas, as formas espaciais arquitetônicas de controle sobre os cidadãos permaneceram

como se vivêssemos ainda numa cidade pesteada, sob a eterna ameaça dela. E, de fato, o corona-vírus veio para reforçar essa ideia, de que o controle sobre os corpos se torna mais fácil num modelo de cidade esquadrinhado do que numa favela e de que os pobres sempre são uma ameaça, de no mínimo, as coisas ficarem piores.

Loquedaun^[1] (Lockdown), é uma das palavras mais usadas nesse período de Corona Vírus, também título desse artigo escrito em plena pandemia. Em português corresponde a confinamento, encerramento. O termo na língua inglesa originalmente definia o ato de manter, conter os prisioneiros em suas celas, mas hoje ele também eufemisticamente indica diferentes protocolos de isolamento de pessoas em diversas situações para evitar algum perigo ou contágio. De todo modo, confirma ainda hoje as sobrevivências das estratégias disciplinares a partir do dispositivo panóptico, da prisão, do vigiar e punir. Foucault ironizava ao descrever o imaginário das leis e direitos durante e depois do advento das pestes: para ele as novas leis geravam uma cidade disciplinada e domesticada ao extremo. Para ver funcionar suas disciplinas perfeitas, os governantes sonhavam com o estado da peste. O estado de controle da peste se tornaria um norte para qualquer ação futura; tais medidas de combate ajudariam a estabilizar a sociedade e passariam a ser tomadas como referência de uma sociedade ideal, planejada, totalitarista onde todas as coisas funcionariam bem sob o controle e disciplina. Isso hoje se traduz dentro dos Planos Diretores e Códigos de Obras. Cada vez que a figura da peste faz sua aparição, a tendência é aumentar o controle sobre os cidadãos e sobre o espaço, impondo-lhes mais distanciamento. A antiga cidade pestilenta e a cidade contemporânea continuam atravessadas por essa hierarquia dos espaços disciplinares, agora aditivados pela tele vigilância, e logo, logo, pela identificação facial, que poderá identificar uma pessoa dentre um milhão de pessoas, inclusive reconhecer suas emoções através de expressões faciais como felicidade, desprezo, neutralidade e medo, e até mesmo sua temperatura.

A peste carrega a incerteza do futuro, a desesperança, a imprevisibilidade, a perda de rumo, a desolação, afeta o espaço e também a temporalidade humana. A história tem nos mostrado que a reconstrução do tempo passado, a volta da regularidade, é atravessada sempre por novas leis de organização espacial e social, no caso, de novas legislações que forçarão a um distanciamento maior entre as pessoas, e estimularão a

permanência por mais tempo dentro de casa para evitar o contato com a rua. Mas a pandemia, por outro lado, também gera formas de resistência das pessoas a esse controle, tal como descreveu Daniel Defoe no Diário do ano da peste, escrito em 1722 para narrar o processo da peste bubônica que arrasou a cidade de Londres entre 1664 e 1665, e do fechamento da cidade ao se declarar a peste.

No começo, a população ficou muito revoltada e inquieta e muitos atos de foram cometidos em agressão aos homens designados para vigiar as casas fechadas. Mas o sacrifício individual se justificava por ser para o bem comum e não havia como obter benevolência para os apelos dirigidos às autoridades ou ao governo da época. Isso levou o povo a criar todo tipo de estratagemas para, se possível, sair de casa. Encheria um pequeno volume a relação das artimanhas empregada pelos moradores destas casas para desviar os olhos dos vigias contratados a fim de enganá-los, escapando ou fugindo. (DEFOE, 2014, p. 66)

Para concluir, destaco uma brilhante passagem de Camus, que talvez retrate com extrema precisão o sentimento que vivemos hoje pelo corona-vírus e a respectiva reclusão, que se constituiu, enfim, num longo tempo de exílio e de separações forçadas.

a primeira coisa que a peste trouxe aos concidadãos foi o exílio (...) o desejo inconsciente de voltar atrás ou, pelo contrário, de acelerar a marcha do tempo, essas setas ardentes da memória. Sabíamos então que a nossa separação estava destinada a durar e que devíamos tentar entender-nos com o tempo. A partir de então, reintegrávamo-nos, em suma, em nossa condição de prisioneiros, estávamos reduzidos ao nosso passado e ainda que alguns de nós tivessem a tentação de viver no futuro, rapidamente renunciavam (...). Experimentavam assim o sofrimento profundo de todos os prisioneiros e de todos exilados que vivem com uma memória que não serve para nada. (Camus, 2008, p. 85-86)



Figura 06: Rua da Praia. Porto Alegre. Maio de 2020. Foto do autor

Notas

1. A tradução literal da expressão Lockdown para o português é confinamento ou bloqueio. Mas optei por abrigar a expressão, não somente por uma posição de preservação da língua, mas também porque ao ser abrigada brota também da gíria, o sentido de 'loque', ou lok: como coisa ou pessoa chata, inconveniente, sem noção, doída, doideira, estado de loucura ou louco.

Referências

- BOÉTIE, Étienne de la. Discurso da servidão voluntária. (1549) L.C.C. Publicações Eletrônicas www.culturabrasil.org. 2006.
- CAMUS, Albert. A peste. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.
- DEFOE, Daniel. Um diário do ano da peste. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora, 2014.
- DELEUZE, G. Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle, in L'Autre Journal, nº 1, maio de 1990.
- FLUSSER, Vilém. Phantom City. La ciutat espectre. Barcelona: Fundació Joan Miró, 1985(a).
- FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta. São Paulo: Hucitec, 1985(b).
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições GRAAL. 1979. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque.
- FUÃO, Fernando. Arquiteturas do distanciamento. Em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2012/10/arquiteturas-do-distanciamento.html>
- FUÃO, Fernando. Cidades fantasmas. Arqtextos n.1. Propar. 2 sem. 2001.
- FUÃO, Fernando. Espectros na máquina de morar. Em RES. Revista de estética e Semiótica v. 8, n. 2. (2018).
- FUÃO, Fernando. Sobre domesticação, a cidade pestilenta. Em RES. Revista de estética e Semiótica v. 9 n. 2. (2019).
- FUÃO, Fernando. Desconjuro moderno. Em Fuão, F.; (org.) Desconjuro Moderno. 2019. Porto Alegre: UFRGS. Disponível em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2020/05/desconjuro-moderno-fernando-freitas.html>
- HAN, Byung-Chul. A sociedade do cansaço. Petrópolis: Editora Vozes. 2015. Trad. Enio Paulo Giachini.
- LE CORBUSIER. A Carta de Atenas. (Tradução e apresentação Roberta Scherer) São Paulo: Edusp. 1993.

MBEMBE, Aquile. Necropolítica. São Paulo: N1 Editora. 2010. Trad. Renata Santini.

Mc LUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem - Understanding Media. São Paulo: Editora Cultrix, 1969. Trad. Décio Pignatari

VIRILIO. Paul. Estética de la desaparición. Barcelona: Anagrama, 1988.

***Fernando Freitas Fuão** é Professor titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS. Professor do Programa de pesquisa e pós graduação em arquitetura (PROPAR), e pesquisador do CNPq. Líder do grupo de pesquisa (CNPq): Arquitetura, Derrida e aproximações. E-mail: fuao@ufrgs.br